

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

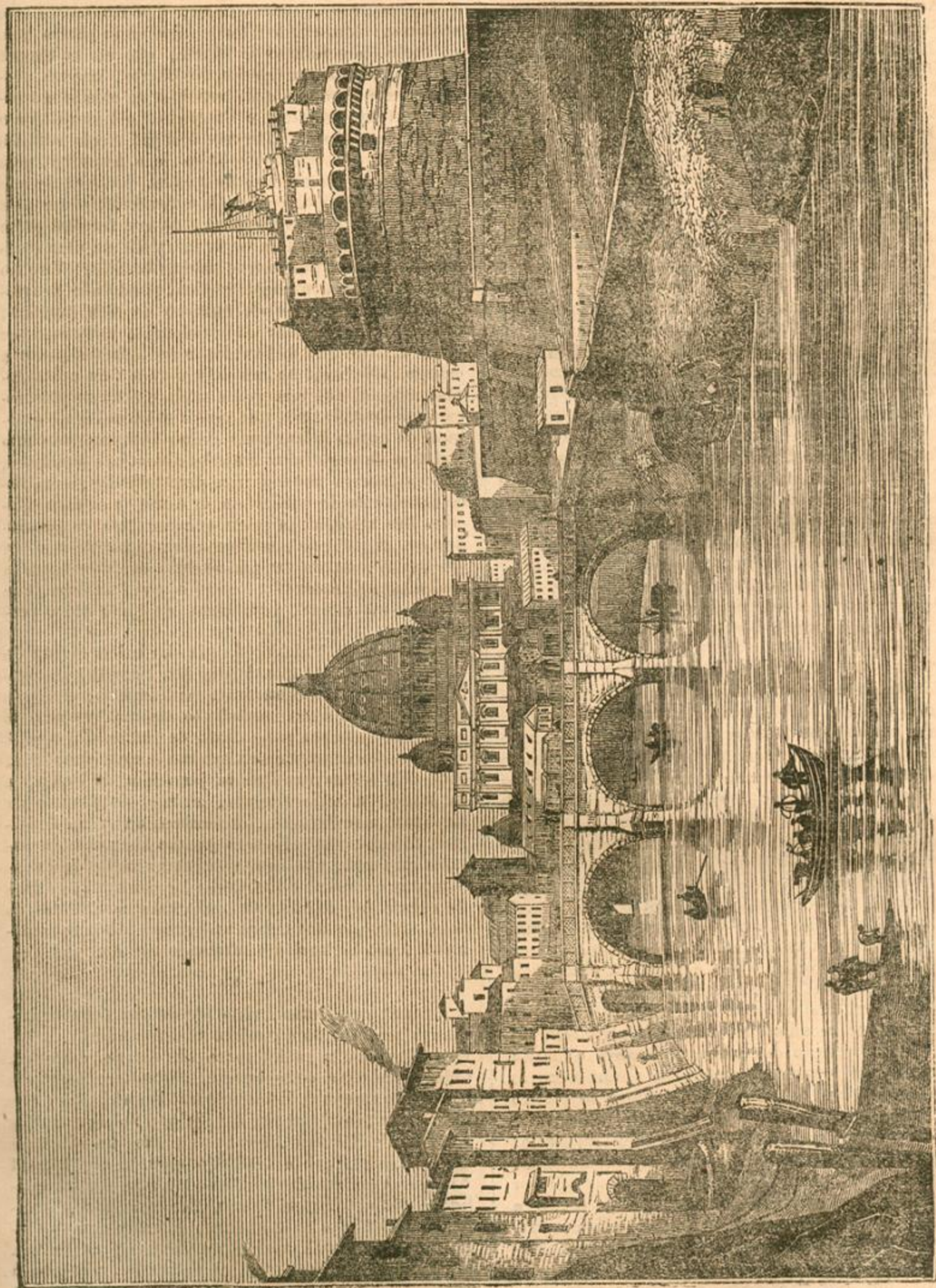
DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

6.

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS.

JUNHO 10, 1837.



VISTA DE ROMA E DO TIBRE DO LADO DA PONTE DE S. ANGELO.

ROMA.

ASPECTO GERAL DA CIDADE — O TIBRE — A PORTA DE S. PAULO — A PYRAMIDE DE CESTIO.

OH ROMA! — oh meu paiz! — cidade sancta!
Orphãos de coração que a ti se cheguem,
Mãe solitaria de florentes reinos,
Que hão passado na terra: — oh, dentro na alma
Ao consolo cerrada, esses, que julguem
Suas miserias vis junto a teus restos.
Que montam males do homem? — Venha e escute
O mocho, e veja o funebre cypreste,
E abra caminho, tropeçando em rachas
E do throno e do templo, o que se queixa
Das rapidas angustias de um só dia:
Ahi jaz a seus pés um mundo fragil,
Como este barro que reveste o homem!

Niobe das nações! — ella aqui pouosa
Sem corôa, sem prole, e em mudas ancias:
Urna vazia tem nas mãos mirradas,
Cujo pó sacro foi disperso ha muito.
Já não existem cinzas no moimento
Dos Scipiões — e os tumulos lá jazem —
E heroes, os donos seus, não dormem nelles!
E tu correrás sempre, oh velho Tibre,
Por este ermo de marmore? Vem, surge,
Co' as turvas agoas vela-lhe as desditas.

Foi o Godo, e o Christão, e o tempo, e a guerra,
E diluvios, e chammas, que humildaram
Dos sete montes a cidade altiva.
Astros de sua gloria hão-se obumbrado
Um por um: — e ella o viu — e viu subirem
Barbaros reis esse ingreme caminho
Por onde o carro triumphal buscava
O Capitolio: — e sem deixar vestigio,
A torre, e o templo baqueou por terra.

—*— BYRON — C. Harold.

Não póde com exactidão dizer-se da moderna Roma, que está collocada sobre sete outeiros, como a antiga cidade: actualmente apenas são habitados os dois terços do espaço, que fecham as muralhas existentes; e o districto mais copioso em povoação é onde antigamente estava a planicie descoberta, chamada = *O Campo de Marte*. = Para outros lados, a parte de Roma velha mais populosa parece hoje uma paisagem: dir-se-ia que a cidade como que resvalára dos seus sete outeiros para o terreno baixo. Ainda mesmo na superficie da sua localidade tem havido consideravel alteração; nos valles o solo tem-se erguido nada menos de quatorze a quinze pés, como distinctamente se observa em o Forum, onde é grande a altura acima do antigo nivel, devida em parte á accumulção de terra e entulho acarretado pelas enxurradas, e principalmente ocasionada, como se julga com razão, pela demolição dos antigos edificios, e prática dominante de levantar construcções novas sobre as prostradas ruinas. Anteriormente subia-se ao portico do Pantheon, no Campo de Marte, por sete degraus; hoje unicamente restam dous acima da superficie; elevação insignificante comparada com a accumulção no Forum, e em outras partes, mas que é notavel por ser quasi inteiramente obra progressiva do tempo e da natureza, independente dos ataques hostis dos barbaros, e da violencia domestica dos proprios Romanos.

O viajante, que tiver desejo de gozar a vista completa dos sete outeiros, suba á summidade do Palacio Senatorio, no Capitolio, e dahi estará sobranceiro a

um prospecto, que em interesse não tem rival no mundo. As feições naturaes do paiz em si mesmas são formosas, e ainda a quem ignorasse a historia de Roma, o aspecto das ruinas prenderia a attenção. Distinguem-se os sete outeiros perfeitamente, porém não estão os seus confins tão assignalados como antigamente, por causa das accumulções de terreno em os valles, que já mencionamos. Deste ponto observa o espectador á primeira vista que Roma não occupa exactamente o mesmo terreno, que em outras eras occupava: com effeito, tem-se estendido para o lado do norte, e o Campo de Marte, que em os tempos de Augusto era um espaço descoberto, encerra presentemente a porção mais populosa da cidade moderna. Dos sete outeiros, o Capitolio, o Viminal, e o Quirinal, estão parcialmente occupados com edificios modernos; o Esquilino, o Celio, e o Aventino, pela maior parte, são cobertos de jardins. Na verdade que os dois ultimos parecem mais pertencerem a um paiz desamparado pelos habitantes, do que fazerem parte da área comprehendida pelas muralhas de uma cidade. O Aventino nunca teve muitos edificios: Virgilio lhe deu realce e interesse poetico, pondo alli a caverna de Caco, especie de monstro de raça humana, que roubava os gados da visinhança; numerando-se entre as façanhas d'Hercules o seu descobrimento e castigo. « Seriamente nos informaram (diz um escriptor recente) que esta gruta ainda existia no lado escarpado do Aventino, que pende sobre o Tibre; e alguns de nossos infatigaveis amigos quizeram tomar o trabalho de engatinhar entre os silvedos, e espinhaes, que guarnecem aquella riba perpendicular, com risco imminente de quebrarem os ossos, e estrago effectivo dos vestidos; e posto que acharam concavidades em abundância, nenhuma era capaz de recolher um boi só, ou de ser por excesso de favor honrada com o nome de caverna, como o asylo de Caco, que segundo me consta, permanece incognito até o presente. »

A solidão do Palatino é uma das coisas dignas de observação. « Este monte (diz Mr. Forsyth) que originariamente abrangeu todos os Romanos, e depois não bastou para accommodação de um tyranno, é agora habitado por meia duzia de frades. Eu o corri todo, e não encontrei seis pessoas n'uma superficie, onde outr'ora se reuniam as jerarchias de Roma, e da Italia. A *villa* (quinta, ou casa de campo) de Raphael, a de Farnesio, os pombaes e viveiros de Miguel Angelo, vão caíndo no mesmo abandono do palacio imperial, que com suas rotas arcadas guarnece o monte. » Porém fallar destas, e das antigas ruinas da cidade por excellencia, não cabe nos limites do nosso artigo, quando para as tractar, ainda succintamente, não bastaria um arrasoado volume.

—*—

« Ainda que Roma, vista por dentro (empregaremos as palavras do eloquente Chateaubriand), se pareça hoje com a maior parte das cidades europeas, todavia conserva certo character particular: nenhuma das outras apresenta igual mistura de architectura e de ruinas, desde o Pantheon d'Agrippa até as muralhas gothicas de Belisario, dos monumentos transportados de Alexandria até o zimbório erguido por Miguel Angelo. A belleza das mulheres tambem é outra qualidade distinctiva: na figura, no andar fazem lembrar as Clelias e as Cornelias; a imaginação as tomaria por estatuas antigas de Juno ou de Pallas, que apeadas dos pedestaes, animando-se, passeassem ao redor de seus templos. Além do que, neste povo se acha uma certa côr de carnes, a que os pintores chamam *colorido historico*. Nada mais natural do que os

homens, cujos antepassados figuraram com tanta grandeza na terra, servirem de typo aos Rafaeis, e Domenichinos, para representarem as personagens da historia.

« Outra singularidade de Roma são os rebanhos de cabras, e mais ainda as juntas de bois corpulentos, que se topam deitados ao pé dos obeliscos egypcios, entre os destroços do Foro, e debaixo dos arcos, que davam passagem ao triumphador romano para esse Capitolio, a que Cicero chamava *o conselho publico do universo*.

« Ao motim ordinario das grandes cidades accresce nesta o murmurio das agoas, que se ouve em toda a parte, como se fosse ao pé das fontes de Blandusia e de Egeria. Do alto das collinas comprehendidas no recinto de Roma, e da extremidade de algumas ruas, descobre-se a campina em perspectiva, fazendo esta mistura da cidade com os campos effeito bastante pitoresco. D'inverno, os telhados das casas estão cobertos d'erva, quasi como os tectos de colmo dos nossos camponeses.

« Todas estas diversas circumstancias contribuem para dar a Roma tal ou qual apparencia rustica, que nos faz lembrar que os seus primeiros dictadores guiavam o arado, que ella deveu o imperio do mundo a estes agricultores, e que o maior de seus poetas se não despresou de ensinar a arte de Hesiodo aos descendentes de Romulo.

« O Tibre, que banha esta grande cidade, companheiro de sua gloria, tem tido um bem singular destino. Passa por um canto de Roma, como se nada fosse; nem para elle olham, nem delle fallam, nem lhe bebem a agoa, que só as mulheres empregam para lavar: esquivam-se furtivamente atravez de casas ridiculas, que o encobrem, e corre a precipitar-se no mar, como envergonhado de se chamar hoje *il Tevere*. »

A sua largura no sitio da ponte de Santo Angelo, que representa a nossa primeira gravura, anda por 315 pés; e onde a corrente é dividida pela ilha terá uns 450. Com tudo não é tão caudal, que possa entrar na ordem dos grandes rios.

O Tibre, ainda abaixo de Roma, é de navegação difficil, por causa dos baixios, que lhe embarçam a corrente. Um barco de vapôr, que anda entre a capital e Fiumicino, distancia de quasi dezeseis milhas, gasta de ordinario cinco ou seis horas na passagem; e é necessario advertir que se não fosse o auxilio de bufalos, que o puxam da margem, teria muitas occasiões de ficar em secco até a proxima estação das chuvas. As embarcações communs gastam tres dias em subir o Tibre até Roma, sendo rebocadas sempre pelos mesmos animaes. Uma casta de faluas genovezas sobem carregadas de trigo, e trazem de retorno trapos, que usam como estrume para as lorangeiras, e a pedra chamada *puzzolana*, que (diz Mr. Simond) constitue a principal exportação de Roma, depois das indulgencias. A velocidade da corrente do rio póde avaliar-se reflectindo em que deposita o saibro mais grosso a trinta milhas acima da cidade, e a doze milhas o mais miudo, e dalli prosegue para o mar acarretando só uma areia muito fina amarellada, que communica a suas agoas a côr particular, que os Poetas chamam dourada, e os viajantes barrenta. Não obstante isso estas agoas gozaram de grande reputação por suas qualidades salutiferas e agradaveis: o Papa Paulo 3.º constantemente levava provimento de agoa do Tibre nas suas mais longas jornadas; e o seu predecessor, Clemente 7.º, tambem se proveu della, por ordem do seu Medico, quando veio a Marselha celebrar o matrimonio de sua sobrinha Catherina de Medicis com o irmão do Delphim, depois Henrique 2.º de França.

O Tibre é muito sujeito a cheias, que lhe engrossam a corrente, e lhe augmentam a velocidade: os sitios mais baixos da cidade são por isso muito a miudo inundados. Simond, escrevendo de Roma em Janeiro de 1818, diz: « O Tibre tem subido muito, e a cidade baixa está alagada; mas nada é comparavel com as inundações, que estão consignadas em duas columnas no porto de Ripetta (especie de caes.) A marca de uma dellas está dezoito pés acima do nivel das ruas contiguas, e se attendermos á rapidez da corrente, uma boa porção da cidade devia ter estado em perigo imminente de ser arrastada pelas aguas. » Em 1819 o Pantheon foi inundado: o que não é raro, porque está proximo ao rio, com o qual tem communicação o cano de despejo para a agoa da chuva, que cõe pela claraboia.

Com effeito, as inundações do Tibre foram uma das causas, que concorreram para destruir muitos dos monumentos de Roma na idade media: ha memoria de uma em 1345, entre as calamidades desses tempos, em que sómente os cimos dos outeiros ficaram fóra de agoa, e todas as baixas se converteram n'um lago por espaço de oito dias. D'outras fazem menção os escriptores antigos; e Tacito falla de um projecto debatido no senado, no anno 15.º da era de Christo, para se mudarem os leitos de algumas ribeiras que desagoam no Tibre, o que não foi levado a effeito em consequencia das representações de varias cidades, que mandaram deputados a opporem-se, parte com o fundamento de serem prejudicados seus interesses locais, e parte por um sentimento de superstição, que os compellia a argumentarem *que a natureza tinha assignalado aos rios seus cursos proprios*, e outras razões de igual jaez. Aureliano tentou pôr termo aos danos procedentes da irregularidade do rio, alteando-lhe as margens, e desentulhando o alveo. Com tudo os depositos, que resultavam destas frequentes inundações, grandemente contribuíram para a vasta accumulção de terreno, que levantou a superficie da moderna Roma a muitos pés acima do antigo nivel; e deste modo o proprio mal veio a servir de remedio para uma extensão parcial. Ainda que a cidade moderna é menos accessivel aos ataques do rio, sempre as inundações são origem da insalubridade daquelles sitios por onde se estendem: depois que as agoas se retiram, os subterraneos, e lojas, ficam cheios de um deposito lodoso, e as paredes cospem todas com a salgagem. Depois da inundação de 1702, que foi das mais graves, o Medico do Papa obteve ordem para remover todo o lodo, e a consequencia foi que as febres intermittentes foram por alguns annos menos frequentes do que até alli. Todavia o clima de Roma é doentio, principalmente de Julho até Outubro, e muito mais fanesto para os estrangeiros.

—*—

O circuito das actuaes muralhas de Roma corresponde proximamente ao das muralhas de Aureliano, ainda que muito pouco resta da obra deste Imperador. O Doutor Burton as rodeou em tres horas e dez minutos, donde conclue que a circumferencia não excede a treze milhas.

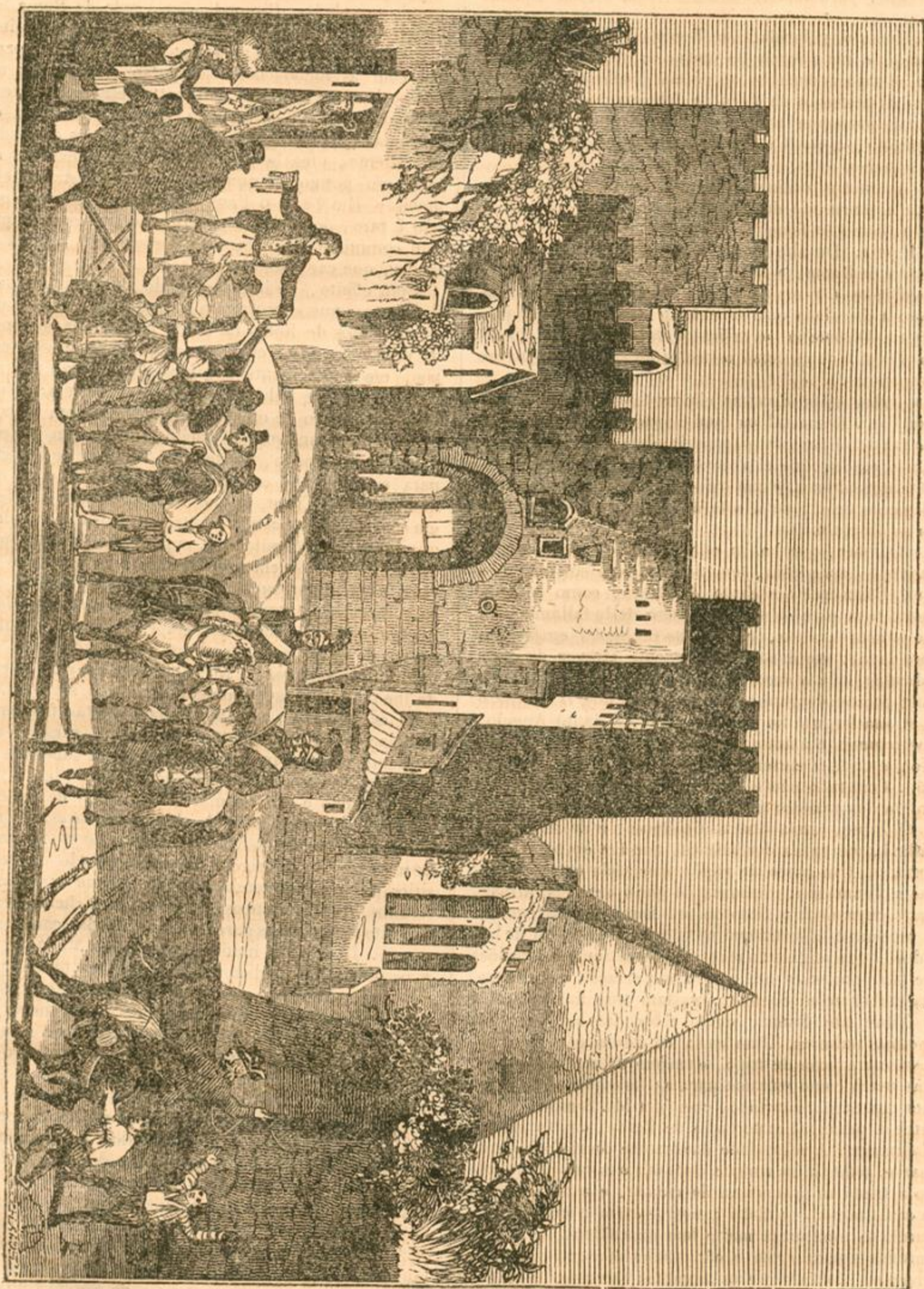
As portas de Roma são presentemente dezeseis em numero, e só doze estão abertas. A muralha de Romulo só tinha tres, ou quatro; a de Servio tinha sete; e no tempo de Plinio, isto é, pelo meado do primeiro seculo, não tinha a cidade menos de trinta e sete portas: seus nomes, e situações, são objecto de muita contestação entre os antiquarios.

Das que estão actualmente abertas, quatro dão para o lado Toscano, ou do nordeste de Roma, sendo a principal a *Porta del Popolo*, que pouco mais ou menos corresponde á *Porta Flaminia*, e é por onde

entra quem vem de Florença: as outras oito dão para o lado Latino, ou do sueste da cidade; e uma dellas

é a *Porta de S. Paulo*, que representa a nossa segunda gravura.

VISTA INTERIOR DA PORTA DE S. PAULO.



Esta, que julgam corresponder á antiga *Porta Ostiensis*, é notavel, não tanto pelo que é em si mesma, como pelos interessantes objectos, que lhe são contiguos. O mais digno de attenção é a pyramide de Cestio, monumento unico do seu genero, que ha em Roma. Parte fica dentro, parte fóra do recinto da cidade, porque Aureliano fez passar a nova linha das suas muralhas exactamente pelo meio delle. Sua base

é um quadrado, que tem de cada lado noventa e seis pés de comprimento, e a altura é de cento e vinte e um pés. É construida de tijolos e lagueada exteriormente de marmore, que o tempo tem denegrido. Uma porta aberta em um dos lados conduz á camara interior, que tem dezoito pés de comprimento, doze de largo, e treze de alto. O tecto e paredes são d'estuque, e algumas pinturas estão menos mal conservadas;

consistem em um grupo de figuras femininas, com vasos e candelabros, e parece indicarem as honras funeraes de um, que diz uma inscripção ser dos septemviros, ou sete *epulones*, nomeados para prepararem os banquetes votivos solemnes. A data da inauguração conjectura-se ser anterior alguma coisa ao tempo de Augusto; uma inscripção refere, que para cumprimento da ultima vontade do fallecido, se acabára em trezentos e trinta dias.

Tendo sido muito dilapidada, foi em 1663 reparada por ordem do Papa Alexandre 7.º; e nesse tempo tinha quinze pés de entulho accumulado acima da base. «E' curioso, diz Simond, ver como a natureza achando infructuosos contra aquella mole pyramidal seus ordinarios meios de destruição, metteu mãos á obra por outro caminho. Como a sua figura fornecia melhor pega ás plantas, as raizes destas penetraram por entre as pedras, e obrando como se fossem cunhas, levantaram e apartaram grandes peças da cantaria, de modo tal, que ameaçavam ao todo desconjuntado completa destruição. No Egypto o extremo calor, e a falta de humidade durante certa parte do anno, impede o crescimento das plantas em semelhantes logares; e por isso só em Africa as pyramides são eternas.»

E' coisa singular que tão poucas noticias haja ácerca de duas pessoas, cujos tumulos tem permanecido mais do que os de muitos varões illustres, — Caio Cestio, de que tractamos, e Cecilia Metella, em honra da qual foi erecto o monumento, vulgarmente chamado = *Capo di Bove* =, cabeça de boi, em uma eminencia sobranceira ao circo de Caracalla. Bem póde ser que um merecido esquecimento encubra os nomes de quem não legou á posteridade outro presente mais que seus orgulhosos sepulchros.

Encostado á pyramide de Cestio está o cemiterio dos protestantes.

Tanto esta pyramide, como o interior da porta de S. Paulo, se vêem em a nossa gravura. A scena que ahi se representa é frequente nas ruas das cidades d'Italia, e não carece de muita explicação. A figura mais notavel é um charlatão vendendo os seus bentinhos, e dissertando ás credulas turbas sobre as virtudes que elles adquiriram, por terem sido tocados na imagem de um santo feito em cera, que está em um nicho portatil á ilharga.

CLASSES DA ANTIGA NOBREZA DE PORTUGAL.

Ricos-Homens.

A CONQUISTA das Hespanhas pelos Mouros igualou todas as condições neste paiz. O Godo suberbo, oppressor dos antigos Hespanhoes, ficou, bem como elles, servo dos Sarracenos. As reliquias dos Christãos livres, que se acolheram ás serranias das Asturias, havendo abandonado as suas propriedades e riquezas aos Arabes conquistadores, não podiam dividir-se em outras classes, senão naquellas que o valor e força de cada individuo constituia. O valente e robusto era naturalmente superior ao timido e apoucado de forças, e assim podemos ter em geral por provavel, que as circumstancias moraes e phisicas daquelle punhado de fôragidos invertiu a ordem social, que havia dado a cada um delles o nascimento. Mas a desgraça, a necessidade de se defenderem dos invasores, e de reconquistarem a liberdade da Patria, os devia conservar algum tempo na união e igualdade fraterna. Pelaio começou o reino das Asturias, que seus successores estenderam, intitulado-se reis de Oviedo e depois de Leão. Neste tempo o augmento do poder e riquezas deu começo ás novas distincções de classes,

que foram imitadas das tradições gothicas. No undecimo seculo o imperio arabe desabava em ruinas, e sobre parte dellas se alevantava o reino de Portugal. Este, nascido das conquistas feitas pelos descendentes dos reis de Leão e Oviedo, adoptou em grande parte costumes e instituições analogas ás do resto da Hespanha, e a nobreza appareceu ou antes continuou entre nós.

As primeiras distincções tinham começado no reino das Asturias, por uma circumstancia, que foi, e sempre será, em todas as nações, a mais propria para distinguir o homem do homem: — fallamos dos bens da fortuna. As riquezas adquiridas nas correrias contra os Mouros, os despojos das batalhas, caindo, como ordinariamente acontece, nas mãos de poucos, estabeleceram esta differença. Os reis guerreiros desses tempos, obrigados a sustentar seus soldados, que não eram pagos, dividiram com os mais abastados este encargo, mediante certas honras e dignidades de que os revestiram. Dahi nasceu o titulo de *Rico-homem*, dado primeiro pelo povo aos que mantinham uma porção da soldadesca, e depois pelos principes, que delles fizeram uma classe nobre, com deveres e privilegios especiaes. Com o correr dos tempos lhes foram confiados os mais importantes cargos dos exercitos, e em ninguem eram obrigados a reconhecer superioridade senão no rei. Chamavam-se Ricos-homens de pendão e caldeira, porque na guerra cada um trazia seu pendão ou bandeira separada, que seguiam os nobres ou vassallos que delles dependiam, e como eram obrigados a manter esta gente, conduziam consigo grandes caldeirões, onde se cosinhavam os mantimentos. Destas caldeiras se conservavam ainda ha poucos annos algumas nos mosteiros da Batalha e Alcobaca, as quaes haviam sido tomadas em Aljubarrota, no tempo de D. João 1.º Os Ricos-homens podiam com seus vassallos ajudar nas empresas militares os principes estranhos, quando não eram necessarios no reino, e ao proprio rei lhes era licito fazer guerra, em certos casos, sem que disso lhes resultasse damno ou infamia. Os vassallos destes regulos, particularmente os lavradores, gozavam de grandes privilegios e isenções, para que não lhe faltassem com as rendas, visto serem obrigados a servir com seus vassallos em todas as guerras, que elrei fazia em pessoa.

Durou esta dignidade em Portugal até ao tempo de D. Affonso 5.º, em que se começou a mudar na de condes, duques, e marquezes. O mais antigo Rico-homem que se encontra na nossa historia é o celebre Egas Moniz. Ruy Gomes de Britteiros, de Infanção que era, foi feito Rico-homem por D. Affonso 3.º; e na chronica de D. Affonso 4.º se acha concedido semelhante titulo a Lopo Fernandes Pacheco.

O acto da nomeação de um Rico-homem era feito com grande solemnidade. Veladas as armas em uma capella ou igreja, ia no dia seguinte o agraciado apresentar-se a elrei com um numeroso sequito; e posto de joelhos diante d'elle, recebia de suas mãos um pendão com as caldeiras pintadas; e isto era o signal que indicava poder o novo Rico-homem capitanear gente na guerra, com obrigação de sustenta-la. Feita esta cerimonia o novo titular começava a gozar de todas as vantagens e privilegios, que competiam á dignidade que recebêra.

Infanções.

Os Infanções eram immediatos na dignidade aos Ricos-homens. Em geral dava-se este titulo aos filhos segundos dos nobres. A origem do nome é obscura, e parece remontar aos tempos dos reis de Oviedo. A semelhança das palavras, fez com que alguns escri-

ptores se persuadissem ser o titulo de Infanção dado aos infantes, filhos segundos dos reis; mas uma grande série de documentos prova que elles eram inferiores aos Ricos-homens, o que não aconteceria se pertencessem á familia real. Entre os privilegios concedidos por D. Affonso 4.º, manda-se que pelas aposentadorias, que os mosteiros eram obrigados a dar aos fidalgos, tenham os Ricos-homens 30 rs., os Infanções 15, e os cavalleiros 10, o que mostra a gradação successiva das classes nobres. Os mais antigos Infanções portuguezes parece foram alguns habitantes da comarca da Feira, nas visinhanças do Porto, chamado tambem antigamente Cidade de Santa Maria, de modo que se tornou quasi como formulario em todos os privilegios de Infanção, *o ser igualado aos Infanções da terra de Santa Maria*. D. João 1.º concedeu as preeminencias e gozo deste titulo aos cidadãos de Lisboa, graça que successivamente obtiveram os do Porto e de Braga, e que mostra quanto menos valia começava a ter semelhante dignidade.

Condes.

O titulo de Conde existia desde o tempo dos imperadores romanos: a significação primitiva desta palavra era *companheiro*, por serem os que possuíam esta dignidade familiares dos principes. Os capitães godos que destruíram o imperio romano, abraçando o fausto dos vencidos, tomaram tambem delles o titulo de Conde, para indicar os proceres ou magnates que andavam nas suas barbaras cõrtes. Destes o receberam as nações modernas; e nas Hespanhas começou a apparecer logo no principio das guerras de independência contra os invasores arabes.

Na historia das guerras de D. Affonso Henriques com Affonso septimo de Castella mencionam-se varios Condes do Minho e Galliza: em escripturas deste tempo apparecem os nomes de outros muitos nobres com este titulo; e na tomada de Triana pelo principe D. Sancho, iam com elle dois Condes, que apontam as antigas chronicas. Parece que as dignidades de Rico-homem e de Conde se ajuntavam ás vezes na mesma pessoa, como aconteceu com Mendo Affonso, um dos cavalleiros de D. Affonso Henriques. Os condados eram então vitalícios, e dava-se tambem este nome ao senhorio de grandes terras, podendo ser que dahi proviesse o dizermos, ainda hoje, que *é um condado*, qualquer propriedade extensa.

Duques, Marquezes, Viscondes, e Barões.

As relações com Inglaterra no tempo de D. João 1.º em que subditos daquella corõa vieram a Portugal ajudar-nos a conservar a independência nacional, e, dahi a annos, a ida de D. Affonso 5.º a França, introduziram em nosso paiz muitos usos e instituições estranhas, de que em outros logares teremos occasião de fallar. Entre as cousas que nos vieram de fóra se contam os dois titulos de Marquez e Duque. O infante D. Pedro, filho de D. João 1.º, e depois regente do reino na minoridade do principe D. Affonso, foi o primeiro que houve em Portugal. Seu pai lhe deu o titulo de Duque de Coimbra, e ao celebre infante D. Henrique o de Duque de Vizeu. O titulo de Marquez foi introduzido por D. Affonso 5.º, que nomeou o Conde de Ourem primeiro Marquez de Valença. O mesmo rei creou os primeiros Viscondes e Barões, depois de voltar de França.

Vassallos.

Quando em nosso paiz foram decahindo as primitivas instituições de liberdade, a palavra *vassallo* co-

meçou a mudar de sentido e a significar o mesmo que *subdito*; porém muitissimo differente era o seu valor nos primeiros tempos da Monarchia.

Nas leis das Partidas de D. Affonso o Sabio, mandadas traduzir por elrei D. Diniz, e que foram observadas como leis subsidiarias, se diz ser o *vassallo aquelle que recebe honra, ou boa obra do senhor, como o gráu de cavalleiro, terras, ou dinheiro por serviço assignalado que lhe haja de fazer*. Havia assim tres especies de vassallos — os senhores de terras, que dependiam do rei, e os alcaides môres, que igualmente delle dependiam — os fidalgos — as pessoas abastadas de classe popular, que serviam na guerra. A respeito de cada um destes tres generos de pessoas nobres se davam circumstancias particulares.

O primeiro, como dissemos, era composto dos senhores de terras e alcaides môres, ou governadores feudaes dos castellos e fortalezas do reino. Estes eram em geral os Ricos-homens e grandes da nação, e geralmente o seu nome apparece entre os confirmantes das doações reaes. As suas obrigações eram por tanto as mesmas que notámos ácerca dos Ricos-homens.

Constituíam o segundo genero de vassallos os *fidalgos acontados*. Eram estes aquelles nobres que sem serem, muitas vezes, donatarios da corõa, recebiam d'elrei certa *quantia*, para, além de servirem na guerra com sua pessoa, trazerem tambem consigo soldados de cavallo, armados de lança, a que propriamente se dava o nome de cavalleiros. Os filhos succediam aos pais nesta dignidade immediatamente nasciam, vencendo desde então uma *quantia* como elles. D. Fernando limitou esta prerogativa aos primogenitos, e D. João 1.º ordenou se lhe dêsse tão sómente quando chegasse á idade de poder servir, e que fosse menor da que vencia seu pai.

Em fim a terceira ordem de vassallos era tirada da classe do povo, segundo a riqueza de cada um. Nesta classe entravam os subditos dos senhores particulares, que os serviam com armas e cavallo, e que além disso eram tambem vassallos d'elrei, sendo obrigados a estar sempre prestes para a guerra. Esta especie de vassallos senhores de terras é de uma origem assaz incerta: porém sabemos que os havia já em tempo d'elrei D. Fernando, e que D. João 1.º prohibiu que ninguem fosse vassallo senão da corõa, passando a esta a obrigação que os donatarios tinham de lhes dar as *quantias*, e que os reis dahi ávante deram, provavelmente só em tempo de guerra.

Vê-se da chronica de D. João 1.º que (talvez em consequencia de semelhante disposição) estes vassallos estavam alistados por comarcas, e que pouco a pouco se introduziu o abuso de contar neste numero todos os que serviam com armas, quer fossem cavalleiros, quer besteiros de cavallo, quer peões, ou de infantaria. Assim naturalmente, sendo depois todos os Portuguezes em geral obrigados á milicia quando a sua idade ou saude lh'o permittia, se perdeu com o correr dos tempos a distincção de vassallo, e se deu este nome em commum a todos os subditos da corõa portugueza.

OS BUCCANEIROS.

Os HESPAÑHOES, que foram os descobridores da America, e os primeiros Europeus que estabeleceram colonias nas Indias occidentaes, eram neste tempo dominados por um espirito de politica, a mais mesquinha, ciosa, e illiberal, que era possível; tal, que causava espanto ainda naquella epocha, em que a verdadeira natureza das relações commerciaes não era entendida, e em que até eram universalmente desconhecidos os mais singelos principios da economia politica.

A Hespanha considerava o Novo-Mundo, como se fosse uma panella de dinheiro, achada por ella, e da qual eram os Hespanhoes os unicos legitimos e exclusivos donos. Uma bulla do papa Alexandre 6.º, expedida a favor de Castella, os confirmou nesta posse, o que era então olhado como um reconhecimento sagrado do direito que lhes assistia; e o governo de Castella ordenou que ninguem, salvo Hespanhoes, podesse traficar, ou desembarcar nas ilhas, ou no continente americano. Semelhante loucura parece agora impossivel; mas é facto historico o terem imaginado os Hespanhoes, que podiam esconder ao resto do mundo os seus descobrimentos na America, e embargar que os navios das outras nações achassem a róta que para lá guiava. Nem o poder de Hespanha, então respeitavel, nem as crueldades praticadas pelos Castelhanos, para sustentarem os seus extravagantes intentos, puderam, com tudo, embaraçar os ousados marinheiros da França e da Inglaterra, de buscarem ter quinhão nas grandemente exaggeradas riquezas do Novo-Mundo. Já pelos annos de 1526, um certo Thomaz Tyson foi mandado para as Indias occidentaes por feitor de alguns mercadores inglezes, e varios aventureiros o seguiram em breve. Por este mesmo tempo começaram os Francezes a espalhar-se nesta parte do mundo. Todas essas diferentes pessoas tinham ido certas de que haviam de encontrar procedimentos hostis da parte dos Hespanhoes; mas tambem iam resolvidas a corresponder-lhes do mesmo modo. Com effeito, os Castelhanos, para reprimir estes invasores, armaram navios de guerra, a que chamaram guarda-costas, cujos commandantes tinham ordem de não tomar prisioneiros! — Entretanto os Inglezes e Francezes, aos quaes brevemente se reuniram muitos Hollandezes e alguns Portuguezes, ligados todos entre si, começaram a tractar como inimigos todos os navios hespanhoes que encontravam, a fazer desembarques nas costas, assolando as cidades e feitorias hespanholas, e a retribuir, em fim, a barbaridades com barbaridades. Assim uma continua campanha se abriu entre os Europeus, nas Indias occidentaes, inteiramente alheia aos governos dos respectivos paizes dos belligerantes. Todos os Europeus, não Castelhanos, quer houvesse paz, quer guerra, entre as suas nações, no mundo antigo, encontrando-se em o novo, se olhavam como amigos e alliados; chamavam-se uns aos outros = *Irmãos da Costa* =, e consideravam os Hespanhoes como communs inimigos.

Quando não andavam occupados em fazer alguma correria, esta gente se dava á caça de gado bravo; mas isto foi alguns annos depois de terem apparecido nas Indias, e ainda mais tarde muitos delles se deram ao corte de madeiras na bahia de Campeche. Como caçadores elles poderiam tornar proveitosos para o commercio os couros, o sebo, e a carne secca dos bois bravos: como lenhadores, ou mateiros, ainda mais vantajosamente se haveriam empregado; e se os Hespanhoes lhes tivessem consentido exercer em paz estas occupaões, é crível que elles se tornassem membros innocentes da sociedade, ou, pelo menos, que não formariam tão numerosos e destruidores bandos, como ás vezes formaram. Mas os Castelhanos olhavam para qualquer palmo de terra, como uma propriedade inamissivel, e cheios de desassizada soffreguidão não queriam que outros povos tirassem vantagem alguma, nem sequer daquelles vastos terrenos, que elles não podiam povoar, e que apenas tinham visto, antes de irem (levados pelas novas de que alguns Europeus ahi se haviam estabelecido) espalhar sobre elles o incendio, a destruição, e a morte.

Quando a córte de Castella se queixou formalmente áquelles governos da Europa, cujos subditos natu-

raes eram os aventureiros, que infestavam as Indias occidentaes, conhecidos pelo nome de *Buccaneiros*, a resposta que recebeu de todos foi, que os homens de quem se queixavam, faziam o que faziam por sua conta, e debaixo da propria responsabilidade, não como subditos de potencia alguma; e que elrei de Hespanha podia proceder contra elles como bem lhe approuvesse. Mui differente, porém, foi a resposta de Isabel d'Inglaterra. Ella replicou ousadamente, que os Hespanhoes tinham attrahido sobre si este flagello, por tornarem exclusivo o seu commercio na America; que não podia perceber porque os seus subditos, ou os de outro qualquer principe da Europa, deviam ser excluidos do trafico das Indias occidentaes: — que não reconhecendo ella ser titulo algum de posse, uma doação do bispo de Roma, não podia tambem reconhecer que os Hespanhoes tivessem direito exclusivo a mais cousa alguma do que a possuirem as colonias que haviam fundado: que o terem tocado aqui e acolá, em varios pontos da costa, e dado o nome a certos cabos e rios, isso era uma coisa tão insignificante, que lhes não dava direito nenhum de propriedade, senão nos sitios onde se tinham estabelecido, e onde continuavam a habitar.

Pouco importaram aos Hespanhoes estas reflexões, e continuaram a tractar todos os aventureiros, pertencentes a nações alheias, como homens illegalmente intrusos, e a atormenta-los e extermina-los onde quer que os podiam colher ás mãos. As crueldades dos Castelhanos se referiam por toda a Europa, e talvez se exaggeravam: estas historias se tornaram populares, e produziram effeitos notaveis. Um tal Montbars, natural de França, lendo uma destas narrações, concebeu tão mortal odio aos Hespanhoes, que partiu para as Indias, fez-se *Buccaneiro*, e exercitou o seu espirito de vingança com tão bom successo, que chegou a alcançar o titulo de *Destruidor*.

Como as armas dos *Buccaneiros* se dirigiam sómente contra os Hespanhoes, todas as outras nações europeas, que gradualmente fundaram colonias nestas partes, sujeitas a governadores nomeados pelas suas respectivas córtes, os consideravam defensores da causa commum. Quando alguma destas nações tinha guerra com Hespanha, dava cartas de marca aos *Buccaneiros*, que então serviam como corsarios daquella nação. Por estas e outras circumstancias alcançaram elles grande poder, e até por vezes consideração e respeito. Muitos homens bem educados e pertencentes a familias distinctas se associaram com elles; e os *Buccaneiros* só foram havidos por salteadores, e sanguinarios piratas posteriormente, quando já o socego se ia restabelecendo na America, e a moral fazendo progressos nas differentes colonias.

Entre os mais celebres capitães *buccaneiros* se contam Pedro de Dieppe, chamado *Pedro o Grande*, L'Olonnais, Le Basque, e Mansvelt; mas a fama destes foi eclipsada por um Inglez de Galles, chamado Henrique Morgan, que, além de muitas outras façanhas, atravessou o isthmo de Darien para o mar do Sul, em 1670, e tomou e poz a sacco a rica cidade de Panama. Todos estes capitães eram detestaveis por sua crueldade; mas pelos fins do 17.º seculo já se tinham tornado muito mais humanos. Os vicios da bebedise e do jogo continuavam, com tudo, a prevalecer sempre entre a maioria desta gente, que apoz uma vida quasi sem cessar arriscada, perecia prematuramente, ou nos combates, ou por algum accidente, ou, em fim, de doença. Alguns delles mereciam melhor sorte: — e estes eram os que haviam cultivado os seus entendimentos, que amavam a leitura, e que se compraziam em examinar as maravilhosas variedades, que a natureza lhes apresentava, no curso de

suas peregrinações e viagens, e que nisto achavam sufficiente passatempo, sem recorrerem á embriaguez e ao jogo.

HOSPITALIDADE ARABICA.

HAJJI-BEN-HASSUNA, capitão de um troço de soldados do Bey de Tripoli, sendo perseguido pelos Arabes, transviou-se, e ao cair da noite achou-se ao pé do campo inimigo. Passando pela porta de uma tenda que estava aberta, fez parar o cavallo e implorou abrigo, porque se achava exaustão de fadiga e sede. O guerreiro Arabe declarou ao seu contrario que podia confiadamente entrar, e o tractou com aquelle respeito e hospitalidade que dão a este povo tanta celebridade. O dono da casa é quem serve o hospede entre os Arabes: o mais nobre delles, recebendo alguém na sua tenda, vai pessoalmente escolher um cordeiro no rebanho, mata-o, e sua propria mulher é que o vai fazer preparar do melhor modo possível. Entre algumas familias ainda dura o primitivo costume de lavar os pés, e esta cerimonia é feita pelo dono da casa.

Recebido assim Ben-Hassuna, apresentou-se-lhe a cêa, que era um nedio cordeiro assado: a sobremesa consistiu em datiles e fructas passadas. Para mais particularmente honrar o hospede de seu marido, a mulher do Arabe lhe poz diante um prato de *bosin*, feito por ella. Esta iguaria é preparada com farinha amassada, que depois de meia-cozida se parte em bocados e se amassa de novo com leite fresco, azeite, e sal, e se guarnece com *kadid*, ou carneiro extremamente secco e salgado.

Posto que estes dois capitães eram de bandos contrarios, fallaram um com outro, candida e amigavelmente, contando reciprocamente as suas façanhas, e as de seus respectivos antepassados. No meio da conversa uma pallidez subitanea se espalhou nas faces do Arabe. Ergueu-se de repente — retirou-se — e dahi a pouco mandou dizer ao hospede que tinha a cama prompta, e todas as mais coisas necessarias para poder descansar; que elle não se achava bom, e por isso não podia fazer-lhe companhia durante o resto da cêa: que tinha ido examinar o seu cavallo, e que o achára muito cansado para poder fazer no outro dia uma jornada longa e trabalhosa; mas que antes da madrugada elle em pessoa lhe teria prompto á porta da tenda um cavallo, com todos os arreos necessarios, de modo que podesse partir immediatamente. O Mouro, não percebendo a razão deste procedimento, algum tanto extraordinario, do seu patrão, foi para o seu quarto, e deitou-se.

Um Arabe veio acorda-lo com tempo, para tomar antes da partida uma collação, a qual já estava prompta; mas ninguem mais da familia lhe appareceu, e só ao cruzar a porta da tenda encontrou o patrão sustendo um cavallo pelas redêas, e pegando no estribo para elle montar, o que para os Arabes é a ultima prova de boa amizade. Apenas Hajji calvagou, o seu hospede lhe disse o seguinte: «Sabei que em todo este campo o maior inimigo que tendes sou eu. Hontem, narrando-me as façanhas de vossos maiores, entre elles encontrei o assassino de meu pai. Os vestidos que este trazia quando o mataram, ei-los aqui (neste momento outro Arabe os apresentava á porta da tenda): sobre elles jurei mil vezes, na presença da minha familia, vingar a morte do que me deu o ser, e trabalhar desde o nascer até o pôr do sol, por derramar sangue que tivesse gyrado nas veias do seu matador. — O sol ainda não surgiu: — apenas despontar, perseguir-vos-hei; depois de terdes saído sem risco da minha habitação, onde, felizmente para vós, me não é licito molestar-vos, tendo buscado a

minha protecção e achado abrigo aqui; mas, assim que partirdes as minhas obrigações a vosso respeito cessaram, e tende-me por decidido a acabar convosco, quando, ou onde quer que vos encontrar. O cavallo em que estais montado não é de raça inferior á do que eu tenho já enfreado e sellado para mim. A vida de um, ou de ambos nós, depende de ser o vosso melhor corredor.» Dito isto, apertou a mão ao Mouro, e affastou-se d'elle. Hajji, aproveitando-se do pouco tempo que tinha para ganhar-lhe a dianteira, pôde chegar ao campo do Bey, sem o alcançar o Arabe, que o seguiu de perto, e se avisinhou do exercito inimigo até onde sem risco o pôde fazer. — *Tully — Residencia em Tripoli.*

CALCULO DOS ROUBOS COMMETTIDOS EM LONDRES EM 1831.

1.º Pelos domesticos	2.840:000	£000
2.º Sobre o Tamisa, e nos caes	2.000:000	£000
3.º Nos <i>docks</i> , e nas vias publicas	2.080:000	£000
4.º Provenientes de moeda falsa	800:000	£000
5.º Idem de bilhetes de banco falsos	780:000	£000
Total	7.500:000	£000

Contendo Londres 1:200.000 habitantes, sem contar aquelles de que vamos fallar, segue-se que a miseria ou o crime tira annualmente da opulencia ou do commercio um tributo de 7 £000 rs. por cabeça.

Esta resenha, extrahida da *Revista Britanica*, que a dá como feita por ordem do Lord **** parece exaggerada; mas quem souber que havia então naquella cidade 20.000 pessoas sem meios de subsistencia, 20.000 ladrões ratoneiros, trapaceiros, &c., 16.600 mendigos, afóra os individuos recolhidos nas salas da sociedade d'asylo; quem se recordar que Londres é a capital d'um reino devorado pela pobreza, onde as substituições e os morgados teem accumulado as propriedades territoriaes n'um pequeno numero de familias, onde as alfandegas conservam aos cereaes um preço muito subido, onde o contraste perenne do luxo e da miseria suscita continuas tentações, não poderá decidir o que mais deva admirar, se a grandeza do mal, se a difficuldade que o governo parece ter em prove-lo de remedio.

Veneno do Povo. — O uso das bebidas espirituosas sem serem misturadas com agoa causa uma irritação no estomago que se patentea com dôres e calor neste organo: a isto segue-se a inflammação das delicadas tunicas desta viscera, e ás vezes a gangrena. Semelhante uso dá tambem resultados iguaes ao do veneno. Além da doença local que produzem, obram as taes bebidas sobre os nervos do estomago, que teem intima conexão com os do cerebro, e causam a insensibilidade e estupidez, movimentos irregulares e convulsos, difficuldade de respirar, somno profundo, e muitas vezes morte repentina. O habito de beber com frequencia, e em grande quantidade, licôres espirituosos causa uma inflammação lenta, que progride insensivelmente, e que por isso mesmo que se não sentem os seus progressos, apparece muitas vezes tão tarde, que já se lhe não pôde acudir. — *Jornal Medico Cirurgico de Londres.*

Escritorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua do Crucifixo N.º 13 = 1.º andar.

LISBOA — NA IMPRENSA NACIONAL.